



**A CEGUEIRA DOS RIOS**  
NUNO R.

# A CEGUEIRA DOS RIOS

Texto de Nuno R.

[vaalb.org](http://vaalb.org)

[Perfil no Goodreads](#)

Capa de Nuno R.

a partir de imagem de uso livre de: [Kristaps Ungurs](#)

História inédita, escrita em 2014, de um livro de contos nunca publicado.

## A Cegueira dos Rios

“As águas que fluem sem saber em que praia irão parar”, *A Rainha Ginga*, José Eduardo Agualusa.

“As pessoas que viajam por curtos períodos de tempo (...) têm uma probabilidade reduzida de ser infectadas”, Centers for Disease Control and Prevention

Isto não é uma linha temporal. Na minha experiência o tempo não se manifesta, não se comporta, não se pode observar numa escala, linearmente, não avança como uma seta. No meu mundo, o tempo tem dimensões que se acumulam. O tempo tem camadas.

A minha vida temporal tem três camadas. Por enquanto. Hesito, de cada vez que tenho a tentação de lhe acrescentar espessura. Receio chegar a um ponto em que tudo seja opaco e indistinguível. Por enquanto consigo separar as camadas, viver diferenciadamente e beneficiar do conhecimento acumulado. Sei quando comecei o que agora relato, embora comece a duvidar da utilidade de enquadrar tudo entre ideias tão irreais como início e fim.

Quando criei a segunda camada, foi para evitar a morte do meu filho. E durante muito tempo não criei mais camadas. Para ganhar algo que não se tinha é sempre necessário perder algo do que se tem. Na nova camada, a minha mulher entrou em depressão passado alguns anos. E suicidou-se. Para conseguir estar com a minha mulher, tinha de abdicar de estar com o meu filho.

Não conseguia perceber que crueldade do cosmos fazia com que o suicídio da minha mulher acontecesse precisamente na camada em que o meu filho sobrevivia. Passei a viver alternadamente numa e noutra camada. Não só para que pudesse estar com as duas pessoas mais importantes para mim, mas para tentar perceber melhor os paradoxos na minha vida.

Meti na cabeça que as duas camadas sobrepostas seriam uma vida completa. Viver era ir editando um processo composto de várias camadas, fazendo alterações e acrescentos numa de cada vez.

Achei que se conhecesse bem as minhas vidas separadas, se vivesse incompletamente em cada uma, acabaria por ter uma imagem nítida do que era a minha vida inteira. Mesmo que a tivesse de viver de forma alternada e compartimentada.

Passados anos, só tinha dúvidas e ressentimento. Nenhum conhecimento iluminador sobre as minhas vidas ou o significado que eu teria nas vidas da minha mulher e do meu filho. Cheguei mesmo a duvidar da realidade.

Se a minha vida só era completa ao sobrepor duas camadas, então nenhuma vida era real no sentido de íntegra, coerente, indivisível. Nenhum fragmento, nenhuma imagem poderia representar a minha existência. Foi ao chegar aqui que tomei uma decisão pior ainda do que a apatia.

Criei outra camada.

Tinha chegado à conclusão de que a única realidade era a de ir emendando a vida. Vida era viver. E viver era usar esta característica intrínseca da existência, ir aumentando a densidade da vida, para ganhar nitidez ou pelo menos exercer a esperança.

É aqui que começa a minha história.

(..)

Dormir é estar fora do tempo. Literalmente. Muitas vezes pensei que a minha vida, nas suas multiplicações, seria o verdadeiro sonho. Que quando durmo volto temporariamente ao que existe e existirá. Como quem desperta brevemente da roda da vida, para escolher a sua própria reencarnação, ou ser informado da escolha já feita.

Duvidei a certa altura que o sonho fosse a ausência do que é real. No meu sonho o que faço é escolher, sem poder antecipar as consequências.

O sonho é sempre o mesmo: uma livraria infinita.

Ao adormecer, de imediato a roupa cinza, os pés descalços e uma estante que se estende até ao infinito, prateleiras do dobro da minha altura. Tudo está coberto de pó, os livros quase indistinguíveis uns dos outros.

Apenas um volume se destaca, o da minha vida atual. Como um livro novo, tem a lombada impecável. Uma falha numa parede de papel e pó. Se o abrir, uma história que nunca reconheço como a minha. Parece-me sempre que o narrador não se está a referir a mim e escolhe e omite segundo uma lógica absurda, cega. Mas aprendi a reconhecer traços do que fiz e do que sou.

Para acordar, basta fechar o livro e não o colocar na prateleira, no espaço com a sua forma, entre livros poeirentos. Acordo abraçado ao livro, a embalar a minha história. Mas já não há livro nenhum, apenas o gesto de abraçar.

Para mudar de camada e assim alternar com outra vida, basta ir até ao ponto onde está o outro livro, nítido entre infinitos livros com a cor e a opacidade do pó. O caminho é longo, mas aqui estou fora do tempo. Sonho. Não se vê mais nada, só a biblioteca da minha vida num vazio implacável, branco.

Aqui estou, face à biblioteca. Tremo, sem coragem nem certeza. Da última vez que quis mudar algo, tudo piorou. Agora, se tiver que abrir cada um dos livros, se tiver de passar a eternidade neste sono sem tempo, é isso que aceito como desígnio. Procurar sentido, mesmo que eternamente, é melhor que viver sem sentido duas vezes.

Milhões de anos ou um instante. Aqui nada importa, nesta transição permanente.

Encontrei o livro entre os livros.

Como acontece sempre ao soprar o pó de uma capa por inaugurar e procurar a primeira página, uma única frase. Uma frase que inicia o livro mas retoma uma vida possível. Ler a frase inicial de uma quantidade de páginas por escrever é como entrar a meio de uma história, sem contexto, e fazer com que o narrador se cale quase de imediato.

*nessa noite o Pedro e a Arminda iriam falar pela primeira vez*

A frase assim solta, no meio de um infinito de frases. Uma esperança de recomeço. Aceitei o desconhecido, e adormeci ou acordei. Acordo na cama, na minha cama. A Arminda não está. Escuto um isqueiro a acender e lembro-me desta manhã. A discussão da noite anterior, as lágrimas no lençol, o espelho que se partiu.

Levanto-me para ir ter com a Arminda, em vez de tomar banho e sair de casa para a evitar, como na primeira camada tinha feito. Ela está na varanda do quarto, descalça, com uma expressão fria.

Deslizo a porta e aproximo-me. Ela vira-se para a rua, volta-me as costas. Sem falar, encosto os meus cotovelos no varandim, ao seu lado. Olho para ela e assusto-me com o seu movimento súbito, um voltar de ombros para me encarar.

Não sei o que dizer, a frase referia-se à noite e são umas 9 da manhã. Mas é ela que fala. “Bom dia.”

Diz isso e continua a fumar, apoiando-se na parede. Imagino que ela espera que seja eu a falar, a discussão foi terrível e eu fui muito injusto. Não me lembro bem do que disse, foi há muitos anos, noutra vida. Viro-me para ela e sinto-me vulnerável. As minhas costas viradas para a rua. Tenho algumas vertigens e custa-me estar assim de costas para uma varanda. Não falo.

“Pedro, diz alguma coisa. Este silêncio é pior que os teus insultos.”

Insultos? A discussão foi pior ainda do que eu me lembrava. Devo estar a olhar para a Arminda de forma imbecil, porque ela fica impaciente.

“O que tens, arrependimento, amnésia, vergonha? O que se passa contigo?”

Até que deixa ela também de falar. E aproxima-se de mim como de uma curiosa bizzarria. E faz uma pergunta.

“Pedro, tu mudaste de camada?”

Entro em pânico. E as perguntas continuam.

“Esta é uma camada nova para ti? O que é que aconteceu na outra vida? Pedro, diz-me o que é que nos aconteceu. O que é que nos aconteceu na tua outra vida?”

Estou paralisado. Tenho de sair desta varanda, as minhas costas tocaram no varandim e pensei que ia cair do 7º andar. Entro no quarto, ofegante. A Arminda vem atrás de mim. Diz o meu nome como se fosse uma pergunta urgente.

“Pedro.”

“Pedro.”

Até que se senta na cama, ainda exalando a última baforada do tabaco, o que lhe acentua significado à expressão.

“Pedro, não falas tu falo eu. Quero o divórcio. Já te devia ter pedido o divórcio. Isto já acabou há muito tempo. Desculpa não ter sido sincera. Desculpa ter deixado chegar as coisas a este ponto. Não te suporto. Hoje mesmo vou aceitar a proposta que me fizeram para ir trabalhar para a Suíça. Não tinha aceitado porque achava que devia falar contigo. Pronto, falei.”

(...)

Estou com o livro na mão, a história da terceira camada, que agora tem várias páginas preenchidas. Releio, incrédulo. Não está lá o diálogo todo, não encontro os pormenores mais cruéis ou mais subtis. Mas o essencial ficou inscrito, naquele odioso tom neutro. Como se nada importasse.

Olho a estante infinita. As minhas outras vidas estão longe. Pesa-me um cansaço de séculos nas pernas. Custou-me tanto a chegar aqui que agora estou relutante em regressar a algo melhor que isto. A minha mulher deixou-me e nunca teremos um filho.

Acho que percebo melhor o que as frases são. Representam os momentos em que tudo poderia ser diferente.

*nessa noite o Pedro e a Arminda iriam falar pela primeira vez para combinar o que fazer nos próximos dias. A Arminda queria um divórcio rápido e preferiu resolver tudo antes de ir para a Suíça dentro de pouco mais de uma semana. O Pedro não chegou a perceber se a passagem tinha sido comprada antes de ele ser informado que*

Aqui na biblioteca infinita, não há diferença entre passado e futuro. E não existindo tempo, não se pode falar em presente, essa matéria fugaz, esse fulgor que só apreciamos realmente quando sentimos a passagem do tempo. Aqui poderia e poderá significam o mesmo. As possibilidades são a única realidade. Eu voltei a um ponto em que tudo de facto passou a ser diferente. E a decisão já a tomei: submeto-te a este presente envenenado.

Para mudar, é preciso aceitar a perda. Caso contrário apenas estou a tentar reforçar uma impossibilidade. O passado, aquilo por que passei, nunca muda. Quem poderá mudar sou eu. Abraço o livro e sento-me. Fecho os olhos salgados, para acordar verdadeiramente.

Tudo deveria ser mais fácil porque foi a Arminda a sair de casa, de forma civilizada, deixando-me contactos e recomendações e levando tudo. Custa mais. A saída dela da minha vida, nesta minha camada, foi um eficaz e discreto desaparecimento. Olho para a casa e não há vestígios dela. Até os cacos de vidro foram limpos e saíram de casa com a pessoa que tinha partido o vidro.

Queria embalar vidro partido, como na canção. Saber onde dói, ver onde a vida se bifurcou.

Aceito então esta camada, este recomeço que me foi oferecido como quem me oferece o mar, empurrando com o pé o bote com que me afastam da terra firme.

Saio.

A cidade é ruidosa e apressada. Uma termiteira humana que um pé gigante pisou lançando o caos da individualidade. Um pânico manso. Com ou sem rumo, cruzam-se milhares sem pertencer a mais do que um destino imediato. E há também risos e gestos de empatia, refeições partilhadas e despedidas, um ou outro reencontro. Quantas destas vidas serão incompletas, quantas a décima, vigésima tentativa de encontrar um rumo ainda desconhecido?

Inspiro amplamente, como se isso me pudesse misturar no que me rodeia.

Sigo em frente, já decidi que não vou trabalhar. Mesmo o dinheiro em conjunto a Arminda me deixou, demonstrando nisso que até dividir, por simetria, estava demasiado próximo de partilhar algo comigo.

Posso ficar muito tempo em alternância, indo para a biblioteca sonhada quando nesta camada as coisas forem insuportáveis. E regressar beneficiando do pequeno salto para o futuro que adormecer com o livro nos braços provoca. Penso agora que devo ter perdido muito da relação que acabou sempre que fechava o livro no sonho e despertava 2, 5, 40 horas depois do que me lembrava.

Sei para onde me dirijo.

Há um clube que me interessa, onde a Arminda dizia querer ir mas encontrava sempre desculpa para não concretizar o seu desejo. Bem, eu não divido também. Tomo para mim essa vontade e vou assumi-la sozinho. Chama-se Eonios e é um lugar de que apenas ouvi falar.

Disseram-me que aqui se juntam os que fogem de camadas onde tudo correu muito mal, outros que querem ganhar coragem para iniciar uma nova vida particularmente bizarra. Alguns terão estado próximo da morte ou redescoberto a vida. Há quem apenas queira pedir a estranhos que os visitem noutra camada e os abordem, dando-lhes indicações precisas sobre como serem encontrados e persuadidos. Há rumores das mais estranhas fantasias e online há anúncios. Uma vez que tudo tem de ser tratado pessoalmente e online apenas é possível fazer pedidos, aqui estou eu à porta.

Três seguranças enormes cumprem o seu papel, intimidando-me com todo o profissionalismo. Perguntam-me qual é a minha camada principal.

“Qual?”

“Sim, homem.”, insistem.

“A primeira, a décima, a centésima, qual?”

“Esta”, respondo. E acrescento, “esta, a terceira.”

Passam um scanner no meu pulso, para me identificar, e um deles toma nota de algo no seu tablet. O monitor da porta mostra os meus dados, com a horrorosa foto que é comum a todas as camadas, sem expressão nem humanidade, como o retrato de uma autópsia. Há anos que eu conseguia evitar aparelhos biométricos, só para evitar reconhecer-me assim num rosto sem vida.

Passo pelo desconforto de ser guiado, num todo que desconheço e ao qual não me parece ser sequer lícito aspirar. Avanço por corredores em que as paredes vão mostrando dados e imagens da minha vida, de facto misturando as três camadas. Compridas setas luminosas vão apontando o caminho que tenho de seguir, cortando a meio o panorama da minha vida. Quando paro, sinto o pequeno enjoo que sempre me assalta ao perceber que afinal foi o comboio vizinho que partiu e que o local onde me encontro está imóvel. O movimento é sempre relativo.

Avanço. Há portas que se abrem, neste labirinto dinâmico. E há vozes perto.

A ansiedade aumenta quando posso escolher entre portas diferentes. Após passar a primeira porta, percebo que não é possível voltar atrás. E agora tenho de selecionar uma de duas, três, quatro portas. Uma vez que não sei o que implica cada uma das possibilidades, não posso dizer que se trata de uma verdadeira escolha. Se houvesse apenas uma entrada possível e eu soubesse o que está do outro lado, ao menos poderia escolher entre avançar ou ficar imóvel. Mas este é um jogo cujas regras não estão sequer implícitas. Se existem, não há disso vestígio.

Escolho avançar o mais rápido possível. Como se soubesse do que fujo.

Uma parede inteira desliza até desaparecer no chão. Imagino que as paredes sejam frágeis e que a opção ideal passe afinal por avançar destruindo paredes, desistindo de me orientar pelas setas e portas. Mas eis que escuto conversas, uma amena tranquilidade. Há duas pessoas que me estendem o braço, como quem diz bem-vindo e uma terceira que me apresenta uma bandeja com bebidas.

Pego no copo e sigo em frente, só existe um lugar para me sentar e há uma mulher que me olha como se me esperasse. É um sofá em forma de círculo e antes mesmo de me chegar suficientemente perto para me apresentar, as outras duas pessoas que se sentavam saem pela abertura que entretanto surgiu no sofá. A mulher aponta com o braço para o outro lado do sofá e assim que me sento, o círculo fecha-se outra vez.

“Quantas camadas?”

É como se me dissesse bom dia, tal a mundanidade da pergunta.

Habituei-me a viver cada vida como se fosse a única e notei que raramente as outras pessoas referiam as suas próprias camadas. Sempre apreciei esta modéstia. A espessura, a transparência ou opacidade do trajeto de cada um é assunto íntimo. Ainda assim não me custou responder como quem atira olá tudo bem.

“Três, esta é a terceira e tu?”

“Oito, voltei à primeira, esta.”

Devo dizer que o silêncio a seguir não foi excessivo. A esta distância lembro-me que nos olhávamos com curiosidade e rigor. Tentando avaliar quão translúcidos éramos, quão opaca a vida de cada um. Sei que fizemos um brinde e que nunca conseguimos lembrar-nos de quem levantou primeiro o copo. E que fiquei alarmado quando a Sofia me disse que para ela tudo piorou logo na primeira camada, quando decidiu ir ali, àquele clube. Fiquei à espera de alguma revelação que me confirmasse as minhas piores suspeitas. Imaginava já uma fuga através de paredes de papel, uma quantidade assustadora de seguranças tão pesados de músculos que não conseguiam perseguir-nos. Verifiquei simplesmente que a história dela era semelhante à minha. Sempre que tentava emendar a vida atual iniciando uma outra, acrescentava muita entropia e nenhuma clareza. Se aqui havia coincidência das nossas histórias, quero pensar que no resto haveria uma certa simetria. Eu decidi aceitar a última camada da minha vida, sem tentar acrescentar e modificar a espessura já atingida. Ela regressou à camada original, desistindo de encontrar sentido nas vidas em que tentou corrigir e perceber.

Falámos e escutámos, muito de cada. Deve ter passado algum tempo, porque quando voltei a ganhar consciência de que havia pessoas à minha volta, tudo tinha mudado. Provavelmente a



sala constantemente crescia e diminuía, criava espaços e compartimentos e adaptava-se às pessoas que chegavam. Só mais tarde me lembrei de lhe perguntar afinal porque é que ela estava à minha espera.

É aqui que começa a nossa história.

(...)

A Sofia conta-me sempre uma versão diferente. A sua forma de explicar tudo é uma narrativa em constante construção, uma metamorfose rápida na forma de discurso. Responde como um escapologista se liberta. Constrange-me, às vezes. Fico a pensar que as minhas perguntas são as amarras que a prendem, o rosto num saco, o corpo pendurado pelos pés e enfiado numa gaiola de vidro em que a água está a subir. Custa-me. Diz-me agora que tinha chegado pouco antes de mim e que o sofá simplesmente lhe mostrou o meu rosto e uma indicação de que deveria falar comigo. Eu acho estranho e tento sempre lembrar-me se haveriam ecrãs no sofá ou se o chão, o teto ou as paredes na sala em que nos conhecemos teriam alguma indicação dirigida a mim. Ponho mil hipóteses e parece-me sempre improvável que apenas a Sofia recebesse informação ou sugestões. Ou aceitando que assim é, fico numa posição de desvantagem e ignorância que não me agrada. Qual o motivo desta disparidade? E porque é que a história dela é sempre ligeiramente diferente? Porque é que dela só posso conhecer versões, que se vão acrescentando? A Sofia conhece-me as angústias e abraça-me. Eu sei que sou fraco e aceito o seu consolo, sem coragem para lhe dizer que é ela a causa e não a cura.

Nos braços dela, deixo de pensar.

Ou melhor, por uma fração de segundo, tudo me parece infinito. Atinjo a iluminação e desnecessito de ego ou compreensão. Sou tudo e não há separação entre mim, ela e o universo. No instante a seguir retomo o pensamento, mas é como se tivesse saltado de um veículo em movimento que passasse num viaduto, para um outro na via em baixo. Num instante, infinito, estou suspenso no ar e tudo é possível, no instante a seguir caio no parte de trás de um camião e sigo um caminho totalmente diferente.

Penso agora que tenho algum apego às camadas. Que a possibilidade de viver com a mesma pessoa histórias diferentes me dá uma noção menos restrita do que essa pessoa significa para mim. Sofri com a Arminda, ao ponto de a perder a ela e ao nosso filho, mas a Arminda não se resume à Arminda que me abandonou, numa camada, ou que se deixou vencer pela depressão noutra.

Será necessário afinal criar mais camadas, para deixar as nossas pessoas viver? E em quantas vidas paralelas as nossas pessoas vivem afinal? Tudo isto é vão. A Sofia aperta-me com mais força, como se tivesse sentido que me estava a perder. E eu caio de novo, para outro caminho, novo fluxo de pensamento.

Será que é possível o oposto? Que a Sofia ganhe mais consistência, mais realidade, quanto mais eu abdicar de a conhecer noutras camadas? Isto parece-me bem. Abandonar o apego às histórias que pressinto. Viver verdadeiramente, sem sofreguidão narrativa. Melhor, sem ânsia de personagem. Poderei eu tornar-me aos poucos co-narrador das nossas histórias, à medida que aceitar a realização do que vivemos, dispensando as infinitas possibilidades do que não fizemos?

É aqui que a nossa história se simplifica, e o medo recomeça.

(...)

Ela contou-me que no Eonios há algo que devemos experimentar.

Detesto este secretismo. O peso das suas oito camadas sinto-o como um fardo que as minhas três não conseguem carregar. Oito Sofias para três de mim. Oito oportunidades de acertar, para três erros em cheio da minha parte. Detesto o caminho no táxi, em que não encontramos palavras para preencher o silêncio elétrico e eficiente. O veículo deve estar em modo turismo, porque sempre que passa por um monumento ou local a visitar apresenta-o com uma frase pomposa e monótona. Virados um para o outro, olhamos através da janela, milhares de carros à mesma velocidade. Cápsulas eficientes de um instante da vida de milhares de outras pessoas. Aqui, em trânsito, vivemos todos a mesma pausa, suspensos na mesma camada. Gosto de me enfiar num táxi e seleccionar o modo aleatório. Nem me interessa qual o local a que me transporta. É esta sensação de estar a caminho, sem a ânsia habitual, que procuro. Uma forma muito precária de segurança no abandono.

Aparentemente consegui que o meu foco atravessasse mesmo a janela do nosso carro. De olhos abertos, via apenas o meu íntimo. Nem me lembro bem de quanto tempo passou, comigo a deixar os pensamentos fugir pela janela fechada. Acabámos de chegar.

O segurança afasta-se para nos deixar passar. E há apenas duas cadeiras num quarto em que não há espaço para mais. Nenhum corredor. Sentamo-nos. Obviamente alguma modificação acontecerá neste labirinto em mutação.

Sinto o movimento, se bem que à minha volta tudo parece estável e relativamente sossegado.

Aquele cubo negativo com duas cadeiras viradas uma para a outro é um centro. De algo que não conseguimos ver ou adivinhar. Há finalmente ruído. Mecanismos, metal que encaixa e desliza. E água, ou alguma substância muito viscosa, uma espécie de passos num pântano, ou pegadas pesadas na lama com botas e meias encharcadas. A Sofia fala, finalmente.

“Sabes, eu também não sei o que vamos encontrar. Mas sei que existe. Outros casais aqui o procuraram. Deve estar próximo.”

O abandono, agora que é partilhado, parece-me mais suportável. Em três vidas quis controlar os regressos, reescrever os começos e as encruzilhadas. Agora sei pelo menos que sei muito pouco sobre o que é decidir ou escolher. E posso sentar-me, um paciente à espera num consultório do universo.

A companhia é boa. Não há pressa para entrar no gabinete e obter um diagnóstico.

As paredes pulsam, mudam de cor, emitem um som agradável, um zumbido de muitos insetos numa noite de verão, um ribombar de instrumentos esquecidos, um animal primordial, antepassado de todos os felinos, ronronar de engrenagens, arquitetura sonora, caverna interior.

A voz repete-se por escrito, em frases que soam e surgem palavra a palavra, nas quatro paredes.

Diz: “juntem as vossas histórias.”

Trememos. Já escutámos rumores. Sabemos a que se refere a voz.

Repete: “juntem as vossas histórias.”

Agora suportamos o olhar a direito. Olhamos um para o outro como escutando.

Fala ainda a voz, mas é um ao outro que escutamos:

“Juntem as vossas histórias. É apenas um momento.”

Insiste para se calar: “contem o vosso sonho um ao outro.”

(...)

E é aqui que o universo mudou para o mesmo de sempre. Mas ela e eu não.

Antes de o primeiro de nós abrir a boca, sabíamos já que iríamos correr o risco.

Com dúvida e crença e ousadia e irresponsabilidade e firmeza e temeridade derretidas num mesmo molde. Em brasa, metal pronto a forjar uma arma invisível, vimos esta matéria escorrer e solidificar-se numa decisão. Falou a Sofia primeiro.

“No meu sonho estou sempre numa praia. Não há palmeiras, mas atrás de mim uma floresta cerrada impele-me para a água. É uma faixa estreita de areia, infinita de um e outro lado. Não vejo o sol mas é de dia. Sempre. Não consigo sequer molhar os pés. Barcos de madeira, de vários tamanhos e estilos e em diferentes estados de conservação, ocupam toda a orla. Metade do casco na água e a outra metade encalhada temporariamente na areia. Entro num barco e remo ou lanço as velas ao vento. E o barco segue para uma ilha, uma outra costa selvagem, um horizonte citadino, rochedos isolados ou continentes inteiros. Quando o barco toca na areia ou rocha, quando chega e o seu casco toca em doca ou cais, acordo ou adormeço. Este é o primeiro barco, o que abandonei quando tive o primeiro sonho. Muito me custou reencontrá-lo, para regressar apenas.”

Fui eu que falei a seguir. E hesitei um longo instante. Dizem que quando duas pessoas contam o seu sonho uma à outra, que todas as suas camadas se sincronizam. Que tudo muda, para que tudo esteja no sítio. Amantes contam-se as respetivas narrativas, loucos ou realmente por amor.

É que, diz-se, quando todas as camadas mudam, tudo fica em sítios diferentes. E os amantes que se amavam, os familiares que se reencontraram, os amigos que se conheciam terão vidas que ainda não viveram. E podem os amigos nunca mais se cruzar, amantes passar a desconhecidos, familiares terem vidas não coincidentes, de uma perfeição e ignorância mútua terríveis. Ainda assim, conto.

“Todos os dias sonho uma biblioteca sem fim...”